

# Promessa dos índios: desta vez paz é para valer

Caciques rivais fumaram até um improvisado "cachimbo da paz", na reunião promovida pela Funai



Prefeito de Três Passos leu documento para os índios na abertura da última reunião de pacificação

Sorridentes, abraçando-se e fumando um improvisado cachimbo da paz, providenciado pelo prefeito de Três Passos, Renato José Oppermann, os caciques Ivo Sales e Domingos Ribeiro chegaram ao final da tarde de ontem, repetindo o gesto celebrado em janeiro último, em Miraguai. "Agora haverá paz", jurou Domingos, outra vez. "Daqui para a frente, vamos trabalhar juntos, esquecendo o passado", acrescentou, novamente, Ivo; declarando-se muito alegre com o saldo dessa reunião que durou seis horas e reuniu enviados da Funai, agentes da Polícia Federal, o comandante da Brigada Militar, prefeitos da região e caciques de sete reservas gaúchas, entre as quais Guarita e São João do Irapuá.

miram compromissos com os bancos arrendatários até aquela data. A divisa simbólica que separa Guarita de São João do Irapuá também continuará existindo na medida em que os arrendatários prosseguirem. Ou seja, até maio de 84. Embora venha a ser permitido o livre trânsito de índios das duas facções em território alheio, a divisa imaginária terá que ser respeitada. Em maio de 84, as duas áreas serão unificadas sob a antiga sigla do PI Guarita (Posto Indígena Guarita), devendo ser eleito um só cacique para toda a área de 23 mil hectares; um terço dos quais, segundo os índios, em mãos de arrendatários.

Sexta-feira, quando o enviado da Funai ao Rio Grande do Sul, coronel Roberto Câmara Lima Ipiragna dos Guarany chegar em Brasília, começará a ser desativado um dos dois postos da entidade, existentes nas duas reservas. E, hoje, toma posse, em um novo cargo de "coordenador" da área, o funcionário da Funai em São Paulo, Jerônimo Braz, que é considerado "um homem de se-

gundo escalão do órgão" pelos índios que o conhecem.

"Foram excelentes resultados", sustentou o coronel Guarany ao final da reunião, por volta das 17 horas, quando, enfim, foi permitido o acesso de padres, pastores evangélicos, representantes de entidades indígenas (como a Anai), sindicalistas rurais e da imprensa, que haviam sido impedidos de assistir aos longos debates. "Que Deus nos ajude a que esta paz seja duradoura", desejou o procurador-geral da Funai, Afonso Augusto de Moraes. A subdelegada Paula Ebling, que substituiu o ausente delegado regional Severino de Toni mostrava igual satisfação — embora tenha criticado o insólito cachimbo da paz que o entusiasmo do prefeito Oppermann levou à sala da Câmara para que todos fumassem. "Os costumes deles são bem diferentes", corrigiu Paula. Mas, como todos estavam cansados e alegres, ao final do demorado encontro, ninguém se importou com a brincadeira que o prefeito "importou" dos filmes americanos.

## Depois de reuniões tensas, o acordo

Ao chegar diante do prédio da Câmara de Vereadores de Três Passos, pouco antes das 9 horas de ontem, o cacique Ivo Sales pretendia estacionar seu Passat bem perto da porta. Mas, descobrindo Domingos Ribeiro, o outro cacique, nas proximidades do local, recuou bruscamente seu carro e tomou outro rumo. Sem se falarem mesmo quando tiveram que aproximar-se para sentar à mesa de reunião, Ivo e Domingos enfrentaram momentos constrangedores a partir do instante em que os representantes da Funai pediram que todos se retirassem do recinto porque "queriam ouvir o coronel comandante da Brigada de Três Passos, Carlos Henrique Bressan, o agente da polícia Federal, Telmo de Lima Freitas, e os prefeitos da região para inteirarem do que estava acontecendo na área".

Surpresos, os índios representados pelos caciques das reservas oficiais do estado atenderam à ordem com contrariedade. "Essa atitude bem demonstra o que é a Funai", apresentou-se a definir o índio krenake, Ailton Krenake, que se deslocou de Minas Gerais junto com Alvaro Tukano, do Amazonas, para acompanhar a reunião como observador da União das Nações Indígenas (UNI). Líderes de sindicatos rurais, padres e missionários religiosos entoaram refrão semelhante, classificando como absurda a atitude de não convidar os índios, nem os chefes de postos para o encontro. "Então por que eles simplesmente não pediram relatórios para ler em

Brasília?", indagava Walter Irber, presidente do Sindicato Rural de Tenente Porteira.

Enquanto Ivo e Domingos dedicavam-se a cultivar o ódio com o qual convivia desde o último conflito armado acontecido na Guarita, patrocinando atitudes nas quais evitavam-se acintosamente na rua; diante da Câmara, podiam-se vislumbrar cenas da reunião pelos vidros da porta do prédio. Percebia-se que o coronel Bressan era o que mais falava e gesticulava. Subiu-se, depois, que o comandante da Brigada Militar ameaçava retirar seus homens das reservas de Guarita e Irapuá, onde estão instalados desde o último dia 2, tentando evitar novos conflitos armados entre os Caingangues. "Estes soldados deslocados para Miraguai representam um alto ônus para os cofres do Estado", desabafou o coronel? E, além disso, dessa primeira reunião, encerrada depois das 11 horas, escoregariam as informações de que o funcionário da delegacia paulista da Funai, Jerônimo Brás, ficaria na área do conflito como uma espécie de interventor, que iria substituindo gradativamente o poder policial nas reservas. Mais tarde, ele era anunciado como coordenador de um certo "projeto guarita". Também se informava, ao final da primeira reunião, que, tanto Lídio Della Betta como Rui Cotrim Guimarães, chefes dos dois postos da Funai nas reservas, seriam substituídos. Mas essa informação, como qualquer providência contra o roubo de madeira nas reservas, nem

foi cogitada no final do dia. A Brigada Militar permaneceria na área — diziam os primeiros comentários — até que Brás conseguisse conter a animosidade entre os caingangues.

**SEGUNDA REUNIÃO**  
Na segunda reunião, iniciada por volta das 11h15min, depois que o prefeito de Tenente Porteira, Lúcio Adalberto Motta, saiu da sala criticando a falta de soluções da Funai, os índios finalmente puderam participar. Mas os demais interessados na questão, que haviam recebido convites nominiais para participar, tiveram que esperar na rua, debaixo de um sol forte, até que os funcionários da Funai se dignassem a deixar que entrassem na sala.

Não foi permitido sequer o ingresso de Alvaro e Ailton na reunião, sob o argumento de que não tinham sido convidados.

Até as 14h15min, quando esta segunda reunião seria interrompida para que todos saboreassem um churrasco servido pela Prefeitura, os observadores que se postavam nas portas de vidro da Câmara não alimentavam motivos para entusiasmo. De pé, o cacique Ivo Sales discursava com gestos largos, provocando atitudes semelhantes de seu antagonista, Domingos Ribeiro. Ou os outros caciques das reservas oficiais de Votouro, Cacique Doble, Índio Ligeiro, Novo Nonoi e Barracão tentavam arduamente convencê-los a abdicar de seus cacicados, permitindo a unificação dos caingangues da Guarita e abrindo possibilidade para a eleição de um único cacique.

Ivo, porém, mais do que Domingos, resistia ferozmente à idéia de perder seus privilégios.

A terceira etapa de reuniões começou 15 minutos antes das 16 horas, novamente com a participação dos índios. Mas já às 17 horas haviam decisões contidas em uma ata que foi assinada por todos participantes das reuniões. Além de decidir pelo final dos arrendamentos ilegais e da divisa simbólica das reservas em maio de 1984; de aprovar a extinção de um posto da Funai na área e de receber Jerônimo Brás como novo coordenador no local, os índios concordaram com a permanência de soldados da BM "por mais alguns dias" em Guarita e São João do Irapuá. Acontece que, mesmo tendo prometido que vão sepultar os tristes marcos do passado recente, Domingos e Ivo sabem que nem todos seus comandados poderão receber com satisfação os resultados desse encontro. E quem tem razoável memória não pode esquecer que, em janeiro, depois de dividir ao meio a Guarita, Ivo e Domingos também abraçaram-se sorridentes, jurando que viveriam em paz para sempre.



Cacique Domingos Ribeiro saiu contente após o acordo



Soldados da Brigada Militar vigiaram a reunião

## ANAÍ queria participação de entidades

"É uma solução das menos ruins, mas exequível, cuja validade fica condicionada ao término de sua implantação", disse ontem o presidente da Associação Nacional de Apoio ao Índio, Júlio Galger, ao tomar conhecimento dos resultados da reunião realizada, na tarde de ontem, em Três Passos, entre representantes da Fundação Nacional do Índio (Funai), caciques caingangues, prefeitos dos municípios da reserva e Brigada Militar. Mas ele pôe em suspeição a maneira como foi dirigido o encontro, já que não foi permitida a presença de entidades, religiosos e representantes da União das Nações Indígenas (UNI), que lá estavam.

Com isto, Júlio Galger pergunta: "o que era tão secreto nesta reunião para que fosse proibida a presença das entidades"? Crítica a atitude dos representantes da Funai, que, segundo o presidente da Anai, "chegaram ao ponto de retirar da sala de reunião dois integrantes da UNI. Para Galger, fica agora a expectativa de que sejam efetivadas as medidas anunciadas depois da reunião, principalmente, a retirada, da reserva indígena, de todos os arrendatários brancos que lá se encontram, até maio de 84.

Diz ainda que a sua entidade, a Anai, exige que a Funai dê à comunidade indígena, condições de terminarem com estes arrendamentos. Para isto é preciso, afirma ele, que o indígena vença pressões que certamente serão feitas pelos arrendatários que não se conformarão, tão facilmente, em abandonar as terras da reserva. Galger acredita ainda que de nada vai valer este acordo, firmado na reunião de ontem à tarde, caso a Funai não dê recursos humanos e materiais para que os indígenas tenham condições de se autogerir, independentemente.

Hoje, os coordenadores da União das Nações darão entrevista coletiva à imprensa, na Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, às 15 horas, para falar sobre os resultados da reunião de ontem, em Três Passos.